

ESPAÇOS E FORMAS DE PRESENÇA DO OUTRO NA FICÇÃO DE DALTON TREVISAN

Eneida A. Mader*

Resumo: este estudo apresenta a questão dos espaços do Outro e de suas formas de presença, expressas na relação social não harmônica no conto "Cemitério de elefantes", de Dalton Trevisan, sob a perspectiva de que a leitura do discurso literário pode proporcionar um debate ligado às questões culturais e filosóficas. Organizou-se a pesquisa à luz de teorias de Eric Landowski (2002), Hannah Arendt (2014), Homi Bhabha (1998) e Emmanuel Lévinas (2010), uma vez que esses estudiosos refletem cultural e filosoficamente sobre a identidade no mundo contemporâneo, sobre as formas de convivência e sobre o comportamento ético frente às diferenças sociais, raciais, étnicas e comportamentais que integram a existência.

Palavras-chave: Dalton Trevisan; identidade; alteridade.

SPACES OF ALTERITY AND FORMS OF PRESENCE OF THE OTHER IN DALTON TREVISAN'S FICTION

Abstract: this study presents the issue of the spaces of the Other and of his forms of presence, expressed in non-harmonious social relationship in the "Elephant's Graveyard" tale, by Dalton Trevisan, from the perspective that the reading of literary discourse may provide a debate associated with cultural and philosophical issues. The research was organized according to the theories of Eric Landowski (2002), Hanna Arendt (2014), Homi Bhabha (1998) and Emmanuel Levinas (2010), since these scholars reflect culturally and philosophically on the identity in the contemporary world, on forms of coexistence and on the ethical behavior against the social, racial, ethnic, and behavioral differences that make up the existence.

Keywords: Dalton Trevisan; alterity; identity.

No presente trabalho, pretende-se analisar o conto "Cemitério de elefantes", do escritor paranaense Dalton Trevisan, à luz de teorias que abordam as formas de identidade e alteridade na literatura contemporânea, bem como a condição humana e a maneira de encarar o espaço intersubjetivo e social do Outro, tal como o vê e o vivencia a narrativa ficcional. O conto "Cemitério de elefantes" possibilita um diálogo com questões relativas à alteridade, à exclusão social e à construção da identidade, uma vez que focaliza a condição dos sujeitos

* Doutoranda em Letras pela Pontifícia Universidade Católica do Rio Grande do Sul (PUC-RS).

excluídos socialmente – os bêbados da metrópole. Desta forma, este estudo apresenta a questão dos espaços do Outro a de suas formas de presença, expressas na relação social não harmônica de “Cemitério de elefantes”, sob a perspectiva de que a leitura do discurso literário pode proporcionar um debate ligado às questões culturais e filosóficas do homem.

O conto “Cemitério de elefantes” integra a coletânea intitulada “35 noites de paixão”, publicada originalmente em agosto de 2009, pelas Edições BestBolso. A narrativa encaminha o leitor para um espaço situado à margem do mundo, no qual vivem sujeitos que se encontram excluídos da sociedade e ausentes de um quadro socialmente instituído como modelar. Os bêbados são os protagonistas do conto e simbolizam todos os “marginalizados” que vivem em exclusão e que são alimentados com os restos que a sociedade lhes dá.

Há uma alegoria entre os elefantes e os bêbados do conto de Trevisan, no sentido em que o narrador empresta aos bêbados as características daquele mundo ‘animal’, porém nada animalesco: os elefantes são solidários na vida e na morte. E, embora os bêbados estejam assemelhados à imagem dos elefantes quanto ao peso, à lentidão e à aceitação resignada da situação que se impõe – doença e velhice – e que não pode ser mudada, de outra forma, também, os personagens importam-se uns com os outros, mesmo beirando a morte.

A narrativa tem início com uma informação importante – “à margem esquerda do rio Belém, nos fundos do mercado de peixe, ergue-se o velho ingazeiro – ali os bêbados são felizes” (TREVISAN, 2009, p.14). Nessa passagem, observa-se um narrador em terceira pessoa e onisciente, que expõe a situação ao leitor e demarca o espaço que ambienta a narrativa: uma praça que beira o rio. No conto, aponta-se “o lado esquerdo da margem” como um lugar desprivilegiado e que simbolicamente representa o negativo, um espaço reservado aos vitimados pela exclusão: quem se importa com os bêbados? Por uma questão “cultural”, geralmente, a imagem de bêbado está associada à preguiça, vagabundagem e marginalidade.

Além disso, esse espaço “ausente”, onde residem os bêbados do conto, fica nos fundos de um mercado de peixe. É, portanto, um lugar fétido e que, em geral, situa-se à margem do rio e da cidade, devido ao mau cheiro e à presença de insetos. É nesse espaço aparentemente abandonado e esquecido pelo mundo que o narrador marca também a presença de um *velho ingazeiro*, além dos protagonistas – os bêbados que ali vivem em comunidade e são felizes à sua moda (TREVISAN, 2009, p.14).

Nas primeiras linhas da narrativa, o narrador fornece um estrato social do local no qual convivem os protagonistas de forma suficiente para marcá-los na sua marginalidade e miséria. Os personagens focalizados são velhos, doentes, apartados, ausentes do resto do mundo. Os personagens não estão reclusos, mas estão fora do eixo social, apesar de estarem em pluralidade, coabitando na praça, em um espaço popular, destinado ao lazer ou à passagem da população urbana. Essa pluralidade demarcada no conto é a condição da ação humana, assim como salienta a cientista política Hannah Arendt (2014), é a atividade que corresponde à condição humana da pluralidade, ao fato de que a Terra e o mundo são habitados não pelo Homem, mas por homens e mulheres portadores de uma singularidade única – iguais enquanto humanos, mas distintos radicalmente e irrepetíveis, de forma que a pluralidade humana, mais que a infinita diversidade de todos os entes, é a “paradoxal pluralidade dos seres únicos” (ARENDR, 2014, p. 218).

No trecho “Curitiba os considera animais sagrados” (TREVISAN, 2009, p. 14), tem-se dois importantes focos para análise: a cidade de Curitiba e os elefantes como sagrados. A metrópole paranaense serve como pano de fundo para a narrativa, mas percebe-se que essa cidade ficcional de Trevisan é atípica, pois o olhar narrativo denota que nesse espaço urbano só existe o submundo que abriga os personagens socialmente esquecidos. No segundo foco, na referência aos “animais sagrados”, o conto remete à lenda do cemitério de elefantes, segundo a qual esses animais têm uma espécie de santuário, um lugar escolhido pela espécie, para morrerem em paz. Lendas africanas contam que os elefantes, quando pressentem a morte, abandonam a manada e, guiados pelo instinto, vão para um lugar que só eles conhecem, no qual há abundância de água, vegetação tenra, e onde estão os ossos dos antepassados. Ali, dispostos sobre uma extensão de vários hectares, os paquidermes se deitarão para dormir o último sono. Em geral, seriam esses recantos que acolheriam as manadas de paquidermes velhos e doentes.

Essa semelhança entre a lenda africana do espaço-santuário dos elefantes e a praça na qual se encontram os personagens do conto é empregada para aproximar as criaturas humanas (os bêbados) e as humanizadas (os elefantes) que, embora oriundas de espécies diferentes, se encontram em igualdade de condições existenciais no espaço ficcional: estão solidárias frente à morte. Dessa forma, elefantes e bêbados encontram-se relegados a um espaço reduzido, porém solidário, onde não poderão perturbar o resto do mundo, uma vez que o mundo ao redor nem se importa com a existência dos “pestilentos”.

Na passagem “quando ronca a barriga, a ponto de perturbar a sesta, saem do abrigo e, arrastando os pesados pés, atiram-se à luta pela vida” (TREVISAN, 2009, p. 15), o conto remete às imagens trazidas pela lenda em que os elefantes idosos e doentes, ao se tornarem mais lentos e se arrastarem, atrasam toda a manada em suas longas jornadas. Mesmo velhos e doentes, os elefantes possuem o instinto de buscar um local adequado para passar o final da sua existência e ali conviver com os animais de sua espécie em igualdade de condições. Nesse sentido, o mesmo instinto de sobrevivência dos bêbados de Trevisan está presente: a luta solidária pela sobrevivida ou pela vida em defesa da morte.

Há muitos diálogos possíveis entre o conto “Cemitério de elefantes” e as teorias da alteridade e identidade, pois a narrativa contemporânea dialoga com outras linguagens artísticas e com outras áreas do saber. Desse modo, pretende-se destacar também, neste trabalho, os aspectos que aproximam a obra de Dalton Trevisan de teorias que tratam da alteridade e identidade, e que singularizam o autor no panorama literário brasileiro.

O texto literário de Trevisan, ao abordar olhares oblíquos, trazendo para o centro do espaço narrativo as representações de sujeitos que estão à margem da sociedade, possibilita uma análise à luz de teorias filosóficas e culturais. Uma vez que o conto focaliza os ‘bêbados’ como personagens num espaço público - seres rotulados, posicionados à margem de um grupo de referência, que os condena e despreza, é possível aproximar essa narrativa do estudo sociosemiótico que Eric Landowski (2002) estabelece em *Presenças do Outro*.

Landowski (2002) procura analisar, sob um prisma semiótico, as estratégias de presenças do *Outro* e a origem da diferença que se interpõe entre os modelos de padronização que o “grupo de referência” estabelece no cotidiano do mundo contemporâneo, especialmente em locais públicos diversificados e nos espaços em que o *Outro* procura coabitar. No plano das práticas sociais, quando se encaram as relações entre sujeitos em uma determinada situação, não há relação de simetria nem de igualdade perfeitas. Evidenciam-se, então, as diferenças e as discriminações de toda ordem, pois os sujeitos estão transformados em atores sociais, como afirma Landowski, desempenhando posições e papéis relativos que diferenciam os grupos uns dos outros, ressaltando as marcas sociais. Mesmo que todo mundo seja, em princípio, sujeito do mesmo modo, cada um se apresenta na realidade como pertencente à sua categoria socioprofissional, ao seu grupo linguístico ou confessional, ao seu meio étnico ou cultural, à sua faixa etária, à sua geração, ao seu sexo, e assim por diante.

Landowski (2002) define o “gênero de dissimetria” como aquele relacionado aos estereótipos produzidos pelos grupos sociais que valorizam sistematicamente a posse de certos atributos sociais, herdados ou adquiridos, em que se baseia mais comumente o orgulho identitário. Esses grupos consideram-se, no âmbito de uma determinada sociedade, como os que constituem o “Nós” de referência (LANDOWSKI, 2002, p. 32). E eles mesmos acreditam ser, por oposição aos indivíduos ou às comunidades particulares que suas diferenças assinalam (com graus de estranheza variável), como “avatars previsíveis do Outro” (LANDOWSKI, 2002, p. 39). Os grupos de referência estabelecem, assim, rotulações de toda ordem em uma escala de estereotipia identitária, que vai do antissocial ao caipira, do transviado ao marginal, do gringo ao puro estrangeiro, ou, até mesmo em outros planos – num vocabulário chulo – do “deficiente ao bicha”.

Através das expressões empregadas pelo narrador de “Cemitério de elefantes” para descrever as “marcas sociais” dos bêbados, pode-se visualizar as formas em que o sujeito receptor é solicitado a compor sentidos, tornando possível medir a dimensão que essa iconografia é capaz de fazer ao solicitar a presença dos excluídos (os bêbados), assemelhando-os aos elefantes.

O narrador conversa com o leitor quando diz “A você o caminho se revela na hora da morte”(TREVISAN, 2009, p. 16), e, nesse ponto, é possível perceber um diálogo do conto com a questão formulada pelos estudos filosóficos acerca da ética, como uma forma de aceitar e entender o Outro, o ser responsável pela existência de outrem, conforme Emmanuel Lévinas (2010) propõe em *Entre nós*. A escrita de Trevisan, ao dar voz aos excluídos, promove uma ruptura da indiferença (uma preocupação pelo Outro, a ponto de assumir uma responsabilidade por ele), como trata Lévinas (2010, p. 18) ao referir-se ao “acontecimento ético: a possibilidade do um-para-o-outro”.

Para Lévinas, a vocação de um existir-para-outrem é mais forte que a ameaça da morte, ou seja, a “aventura existencial” do próximo importa ao eu antes que a sua própria, colocando o eu diretamente como responsável pelo ser de outrem. “ O em-si do ser persistente-em-ser supera-se na gratuidade do sair-de-si-para-o-outro, no sacrifício ou na possibilidade do sacrifício” (LÉVINAS, 2010, p.18).

O ser é também, necessariamente, “ser para o outro”, como define Landowski. É ser visto, avaliado, sondado e, classificado “em algum lugar , em função de algumas categorias

que organizam o espaço social”, como o espaço adotado pelos bêbados, em relação às coordenadas definidas por um determinado “grupo de referência”, seja qual for a posição (interna, marginal ou externa) dos sujeitos individuais ou coletivos (LANDOWSKI, 2002, p. 42).

Os personagens de “Cemitério de elefantes” carregam em seus fardos o desprezo da sociedade, além das perebas e das agruras decorrentes do vício. O narrador salienta que a sociedade os alimenta e faz suas provisões para que eles não saiam daquele local imundo, de modo que não passem a ocupar outros espaços sociais, pois trariam consigo o mal-estar social da morte que a todos espreita, além da imundície do lugar em que vivem. É possível, assim, perceber no conto “Cemitério de elefantes” o diálogo entre esses espaços tão distantes – do Mesmo e do Outro - tão apropriado no exemplo que se revela na conversa entre o pescador e o bêbado chamado de Papa-Isca. O pescador pergunta-lhe o porquê da bebida, e Papa-Isca lhe responde que é “maldição de mãe” (TREVISAN, 2009, p. 16).

A escrita de Trevisan é provocativa, pois é da consciência moral do leitor que esse narrador onisciente, esses personagens perdidos, aguardam a adesão emocional, ou, ao menos, estética. Supondo-se que eles veem e sentem que não são exatamente o que “deveriam ser”, os “Outros” – não os mais distantes, mas os que ficam aí perto, à margem, na praça-cemitério do conto de Trevisan, por exemplo – poderiam captar exatamente o que deveriam tornar-se, caso quisessem encontrar um dia seu lugar admitido entre aqueles mesmos com os quais sua estranheza estabelece contradição. E Landowski (2002, p. 46) questiona-se eles conseguirão um espaço “entre nós”.

É na metrópole conturbada que Trevisan reconstrói histórias próprias e alheias, de personagens que representam os excluídos da sociedade – homens bêbados que, ao serem comparados com elefantes à beira da morte, são transformados pelo estranhamento da linguagem em “animais sagrados” e “elefantes malferidos”. Para Maria Zilda Cury (2007, p.17), “tal estranhamento, no entanto, não tira destes textos um profundo sentido político e de reflexão sobre a realidade social urbana brasileira”.

Através desse espaço social e intersubjetivo proporcionado pela ficção do conto de Trevisan, é possível aproximar o leitor dos problemas com os quais o Outro é confrontado enquanto sujeito coletivo diante do grupo dominante, este último ocupando uma posição espacial definida como “centro de referência” (LANDOWSKI, 2002).

O conto de Trevisan estabelece essa pertença identitária entre homens e elefantes em condição terminal. Nessa microesfera social, os bêbados da metrópole de Trevisan estão às margens e, nessa prática da marginalidade, o espaço animalesco dos elefantes torna-se humanizado pela igualdade de condições que vivenciam os homens velhos e bêbados. Enquanto experiência de uma alteridade concretamente vivida – os bêbados e os elefantes à deriva –, pode-se remeter a uma *espacialidade outra*, a uma topografia e a uma cinética identitárias que apresentam um grau maior de complexidade.

Analisado sob o prisma da semiótica das relações intersubjetivas, o espaço social que o narrador adota em “Cemitério de elefantes” não está distante espacialmente de um “Nós” de referência; ao contrário, é um local muito próximo, situado no coração da metrópole – a praça -, um ponto em que normalmente ocorrem os encontros. É nessa encruzilhada de todas as mundanidades sociais, artísticas e culturais de qualquer parte do mundo que os “marginalizados” vivenciam a realidade ao seu redor.

Para Landowski, é preciso o tempo todo voltar-se e olhar nos arredores, pois então, como qualificar, nos termos de que dispomos, essa multidão heteróclita, poliglota, espalhada por todos os lados, aparentemente sem destinação e que, de fato, permanecerá ali praticamente até a aurora? São “ursos, camaleões, dândis ou o quê? De fato, sentimos que nenhuma de nossas etiquetas convém perfeitamente, como se aqueles marginais não jogassem realmente o jogo” (LANDOWSKI, 2002, p. 62). Assim, a cultura, a história, e a produção artística passam a ter seus contornos redefinidos, e revisados a partir da narrativa de experiências desses sujeitos que adquirem poder através do texto literário: mulheres, colonizados, grupos minoritários, os portadores de sexualidades policiadas, os excluídos socialmente.

Para Homi Bhabha (1998, p. 23), crítico indiano, conhecer ou definir o presente passa pelo reconhecimento de que esse tempo não pode mais ser encarado simplesmente como uma ruptura ou um vínculo com o passado e o futuro, não mais uma presença sincrônica: “nossa autopresença mais imediata, nossa imagem pública, vem a ser revelada por suas discontinuidades, suas desigualdades, suas minorias”.

Ali, naquela praça do conto, cruzam-se diariamente universos que *a priori* não se esperaria ver superpostos; de um lado, os pescadores e, de outro, os bêbados que estão à deriva. De um lado da margem do rio, encontra-se uma sociedade considerada “grupo de

referência”; do outro lado, vindo não se sabe bem de onde, tudo o que de improvável de ser recuperável e que o Terceiro Mundo deposita em torno da capital: o seu “entulho” humano. Enquanto alguns *atravessam* a praça, os bêbados a ocupam, formando uma comunidade ao ar livre, e que está excluída, porém não está reclusa. E de que modo eles serão rotulados? De acordo com o microuniverso social, definido por Landowski (2002, p. 62), os bêbados não se enquadrariam em nenhuma das qualificações – não são “ursos”, não são “esnobes”, nem “dândis”, nem “camaleões”. É como se esses seres marginalizados não jogassem o jogo social.

O espaço urbano do conto de Trevisan é desfigurado pelos “invasores” – os bêbados. Eles perturbam os princípios de uma “sadia geometria urbana”, que foi construída, muitas vezes, com o maior cuidado e transformada em verdadeiros espaços “vitrinas”, em que a cidade só oferece a melhor imagem de si mesma. Essa sadia geometria urbana é a mesma que, segundo Landowski (2002, p. 63), funda uma leitura normal da cidade e o reconhecimento mútuo das identidades que ali coabitam.

Os bêbados e o seu “habitat” são descritos pelo narrador de Trevisan de forma nada ingênua, pois a linguagem do texto literário é endereçada a outrem e o invoca. Emmanuel Lévinas, em *Entre nós*, define o modo como essa invocação é dada pela linguagem, isto é, ela não consiste em invocá-lo como representado e pensado, mas é precisamente porque a distância entre o mesmo e o outro, em que a linguagem se verifica, não se reduz a uma relação entre conceitos, um limitando o outro, mas descreve a transcendência em que o outro não pesa sobre o mesmo, apenas o obriga, torna-o responsável, isto é, falante (LÉVINAS, 2010, p.54). A narrativa de Trevisan, como linguagem, não pode englobar outrem como conceito, mas como pessoa. Para Lévinas, a invocação é anterior à comunidade, ou seja, ela é uma relação com um ser que só está em relação *comigo* à medida que é inteiramente por relação *a si*.

O bêbado, que se assemelha ao elefante santificado à beira da morte, é assinalado no conto de Trevisan como um ser que está para além de todo atributo, como uma presença sensível de um “rosto” - o outramente, de Lévinas (2010, p. 54) , a consciência moral -, “que se coloca em face de mim”, sem que o estar “em face” represente hostilidade ou amizade. Essa é a particularidade de outrem na linguagem, para Lévinas, e que dialoga com a condição em que se situam os personagens de “Cemitério de elefantes”.

Ao equiparar os moribundos bêbados à imagem dos velhos elefantes, o conto de Trevisan está longe de representar uma animalidade ou o resíduo de uma animalidade. O texto de Lévinas sugere que o conto de Trevisan constitui a humanização total do Outro (LÉVINAS, 2010). Os bêbados convivem em um espaço ocupado pela pluralidade dos homens, mas que se apresenta em alteridade para os personagens do conto, ao impor-lhes uma condição de infortúnio e exclusão e por viverem uma vida diferente em relação ao mundo. Como afirma Hannah Arendt (2014, p. 218), a distinção humana não é idêntica à alteridade, pois

Ser diferente não equivale a ser outro – ou seja, não equivale a possuir essa curiosa qualidade de “alteridade”, comum a tudo o que existe e que, para a filosofia medieval, é uma das quatro características básicas e universais que transcendem todas as qualidades particulares. A alteridade é aspecto importante da pluralidade, é a razão pela qual todas as definições humanas são distinções”. Em sua forma mais abstrata, a alteridade está presente somente na mera multiplicação de objetos inorgânicos, ao passo que toda vida orgânica já exhibe variações e distinções, inclusive entre indivíduos da mesma espécie. Só o homem, porém, é capaz, de exprimir essa distinção e distinguir-se, e só ele é capaz de comunicar a si próprio e não apenas comunicar alguma coisa – como sede, fome, afeto, hostilidade ou medo”.

Desse modo, a alteridade que o homem partilha com tudo o que existe – (no conto, por exemplo, isso se aplica aos bêbados em relação ao espaço em que se situam) e a distinção que ele partilha com tudo o que vive, tornam-se unicidade. Então, como diz Arendt (2014, p. 218), é por isso que “a pluralidade humana é a paradoxal pluralidade de seres únicos”. Assim, o homem tem o arbítrio de sua individualidade - os homens podem viver do trabalho ou deixar que outros trabalhem por ele; podem simplesmente usar e fruir do mundo das coisas sem lhe acrescentar um só objeto útil. As vidas podem ser até injustas – alguns trabalham, outros só bebem - mas certamente são vidas humanas.

Ao descrever não só o convívio dos bêbados, o espaço narrativo de “Cemitério de elefantes” focaliza a morte dos personagens. É um espaço de morte, em que a vida mostra a sua face mais frágil. Nesse aspecto, a escrita de Trevisan dialoga com a doutrina da *Epifania do Rosto*, descrita por Emmanuel Lévinas (2010), a qual consiste em despertar para identidade do outro, para o rosto em que se expressa a condição da mortalidade. É como se a Morte de cada personagem do conto remetesse para a consciência de cada leitor – como se fosse sua a responsabilidade daquele indivíduo (rosto) que falece às margens do rio. É um cemitério ficcional, criado para que se possa também refletir que a morte do Outro homem

põe em xeque e questiona a alteridade de cada ser. Para Lévinas (2010), a alteridade e esta separação absoluta manifestam-se na epifania do rosto, no face a face. Conforme o autor: “a morte do outro homem me põe em xeque e me questiona”, como se desta morte o eu se tornasse, por sua indiferença, o cúmplice, e tivesse que responder por esta morte do outro e não deixá-lo morrer só. É precisamente neste chamado à “responsabilidade do eu pelo rosto que o convoca, que o suplica e que o reclama, que outrem é o próximo do eu” (LÉVINAS, 2010, p. 212-213).

O conto focaliza nos bêbados e nos elefantes a mesma condição de isolamento, morte e fragilidade – o estar isolado é estar privado da capacidade de agir. A antiga crença popular, como apresenta Arendt (2014), indicava que um homem forte seria aquele que, isolado dos outros, atribuiria sua força ao fato de estar só. Essa mera superstição, assim classificada por Arendt, estava baseada na ilusão de que “o estar só” levaria à condição ideal para que se produzisse algo no domínio dos assuntos humanos. Assim, o homem isolado seria capaz de “produzir” instituições ou leis, tal como se produzem mesas e cadeiras; também seria capaz de produzir sujeitos melhores ou piores. Essa crença da produção através do isolamento também pode expressar “a desesperança consciente de toda ação, política e não política, aliada à esperança utópica de que seja possível tratar os homens como se tratam outros materiais” (ARENDRT, 2014, p. 233).

E, para se contrapor a tudo isso, o escritor tenta, através de seus escritos ficcionais, modificar o leitor e, assim, poder transformar os severos transtornos da sociedade, em especial a brasileira, uma das campeãs mundiais em desigualdades sociais e em preconceitos de toda espécie. A escrita de Dalton Trevisan, dando ênfase aos excluídos sociais, através dos personagens, segue na intenção de responsabilidade social e está dedicada ao destino último do homem – certamente, o de alcançar a plenitude e a felicidade na Terra, contribuindo para dirimir as desigualdades e as diferenças de toda ordem, a partir do exercício libertador decorrente do texto literário. Trevisan conduz a uma abordagem humanizadora desses “elefantes” (os bêbados), pois eles se juntam em comunidades. Juntos, sabem que formam um grupo harmônico dos excluídos, dos marginalizados, dos párias – daqueles que vivem de restos. E esperam o que é inevitável a todos – a morte. Aguardam a morte com naturalidade e, enquanto esperam pelo decreto final, convivem em paz e em ajuda mútua.

Após a leitura sociossemiótica de “Cemitério de elefantes”, não é mais possível olhar para um bêbado com a mesma visão anterior; descobre-se que eles estão “entre nós”, não são “mera paisagem”. Os bêbados de Trevisan, que representam o homem à deriva, têm alma de elefante: eles são solidários e se respeitam. Os bêbados ocupam o mesmo espaço do resto do mundo e é para essa reflexão que o conto conduz, pois, os bêbados, os elefantes humanizados e desprezados do conto, optaram viver por eles mesmos, com toda desenvoltura, apesar das normas e códigos sociais. Eles são felizes em um local fétido e sujo, apesar de saberem que os outros seres vivem outramente, no conforto de seus lares. E, por que não, um dia, os indivíduos à margem estarão “conosco, se nós também, mudando nossas leis e nossas posturas, quiséssemos um dia nos tornarmos nós mesmos, isto é, outros – um pouquinho?” (LANDOWSKI, 2002, p. 66).

O texto literário proporciona esse diálogo entre o ficcional e o real, a fim de que se possa refletir sobre a ausência e a indiferença da sociedade em relação aos sujeitos que sofrem na carne o opróbrio da condição humana e das injustiças. O espaço que os bêbados ocupam é definido como espaço marginal, em duplo sentido: o sentido de margem ou beira do rio e, também, conotativamente, como um local de partidas ou o espaço dos excluídos, em relação ao grupo de referência social.

Para o narrador de “Cemitério de elefantes”, entretanto, os bêbados não ocupam um lugar insignificante; ao contrário, mediante um olhar sensível, a narrativa fornece um recorte humanizado do sujeito que está às margens, desses “pequenos nada” para a esfera social. Embora os bêbados sejam velhos, desprezados e imperceptíveis para o mundo, não são insensíveis ao olhar do narrador.

Os marginalizados sociais do conto de Trevisan, contudo, são verdadeiros, pois mal sabem o que são – uma espécie de *cegos sociais* – assim considerados no sentido definido por Landowski (2002, p. 46): eles não veem (não querem ou não podem ver) que os Outros, os *videntes*, os olham; e, na melhor das hipóteses, eles apenas entreveem de modo difuso o que os outros, por sua vez, veem demasiado deles. “Nunca estamos presentes na insignificância”, como afirma Landowski (2002, p. IX), e, ao equiparar-se a condição existencial dos bêbados com a solidariedade dos elefantes à beira da morte, a narrativa posiciona-se diante de uma consciência moral que não isola a culpabilidade advinda da exclusão social.

A estereotipia baseia-se numa crença múltipla e cristalizada, de forma que é comum o seguinte raciocínio – o Outro não sou Eu, então, não sou responsável por esse Outro. A literatura de Trevisan, como arte que enseja metamorfose, permite refletir sobre as ausências de uma dada sociedade em relação aos desiguais, e reflete-se sobre a dimensão da condição humana. Naquele espaço da praça, onde estão os personagens à deriva, a existência acaba, mas a condição humana não: sobrevive por meio da narrativa, que lhe tira das cinzas e lhe confere a “memorialidade” – essa capacidade que a obra literária contém, ou seja, a possibilidade de ficar permanentemente fixada na lembrança da humanidade.

Dessa forma, o conto “Cemitério de elefantes”, como obra literária e artística, proporciona um universo ficcional “artificial” de coisas, nitidamente diferente de qualquer ambiente natural. Dentro de suas fronteiras, contudo, é abrigada cada ‘vida’ individual, embora esse mundo se destine a sobreviver e a transcender todas elas. É por isso que a condição humana da obra é a sua mundanidade – a capacidade que o homem possui de estar em pluralidade, sendo tão singular. A ficção de Trevisan comprova que a literatura é a arte que promove a representação de todas as alteridades, o encontro com todas as diferenças. Na representação da realidade da ficção, os espaços que jamais poderiam ser mantidos juntos encontram abrigo na palavra, no texto, na criação subjetiva do humano.

Na instância do texto literário, as palavras não carregam categorias de espaço, nem de tempo, nem de lugar, mas a essência primordial de sua significação. Uma significação que não cessa e que não se encerra, e que promove a revisão e a diferença. As reflexões de Landowski remetem a outros planos semióticos, nos quais se encontra a obra literária, “engajada” implicitamente em um projeto político capaz de repensar as diferenças e incluí-las através das narrativas ficcionais. Nessas obras, tais como o conto de Dalton Trevisan, os narradores são verdadeiros Robinsons à procura obstinada de vencer a alteridade que se lhes configura. Assim que, para Landowski (2002, p. 70), somos todos pequenos Robinsons com pés no chão: somos heróis de romances que vagam por mundos em construção, obrigados que estamos, para advir à existência “no interior de nosso próprio texto”, a fazer de nós também construtores de cenários, planejadores urbanos, geômetras, agrimensores, sinalizadores do espaço – e do tempo. Nesse sentido, a escrita literária dá voz ao Outro e procura promover um diálogo com a sociedade a fim de atenuar ou extinguir as fraturas sociais do mundo contemporâneo, marcadas pela estereotipia, pela injustiça e pela exclusão social. A literatura oferece essa porta aberta, que produz sentidos, de tal forma que se reflita sobre as presenças

do Outro e se permita a análise e a reflexão da condição humana dos grupos excluídos e que sofrem a ação da estereotipia.

O espaço habitado pelos personagens de “Cemitério de elefantes” comprova que a ficção é um lugar em que o homem pode viver e contemplar, através dos personagens, a plenitude de sua condição humana, e no qual se torna transparente a si mesmo. O espaço da narrativa é um lugar em que o homem, transformando-se imaginariamente no Outro – no bêbado, no elefante, no louco, no dândi, no camaleão, etc. – e vivendo outros papéis, destaca-se de si mesmo. Desse modo, a literatura proporciona ao homem uma presença no horizonte – que meu próximo seja o Ente por excelência – e lhe possibilita viver a sua condição fundamental de ser autoconsciente e livre, capaz de se desdobrar caleidoscopicamente, distanciar-se de si mesmo e de objetivar sua própria situação, responsabilizando-se pelo Outro, conferindo-lhe um Rosto, apreendendo o Outro na abertura do ser em geral como elemento singular da sua identidade plural.

Referências

ARENDDT, Hannah. **A condição humana**. Tradução Roberto Raposo. Rio de Janeiro: Forense Universitária, 2014.

BHABHA, Homi. **O local da cultura**. Tradução Myriam Ávila, Eliana Lourenço de Lima Reis, Gláucia Renate Gonçalves. Belo Horizonte: UFMG, 1998.

CURY, Maria Zilda Ferreira. Novas geografias narrativas. **Letras de Hoje**, . 42, n. 4, p. 1- 17, 2007. Disponível em: <<http://revistaseletronicas.pucrs.br/ojs/index.php/fale/article/download/4109/3111>>. Acesso: 20 nov. 2015.

LANDOWSKI, Eric. **Presenças do outro**: ensaios de sociossemiótica. São Paulo: Perspectiva, 2002.

LÉVINAS, Emmanuel. **Entre nós**: ensaios sobre a alteridade. Tradução Pergentino Pivatto et al. Petrópolis, RJ: Vozes, 2010

TREVISAN, Dalton. **35 noites de paixão**: contos escolhidos. Rio de Janeiro: BestBolso, 2009